



## Clemilde Pereira e o pioneirismo feminino na Academia Paraibana de Letras (1978- 1984)

### *Clemilde Pereira and the feminist pioneerism at the Academia Paraibana of Letters*

**Raquel do Nascimento Sabino**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1167-9130>  
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil,  
[raquelsabino26@gmail.com](mailto:raquelsabino26@gmail.com)

**Charlton José dos Santos Machado**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4768-8725>  
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil,  
[charltonlara97@gmail.com.br](mailto:charltonlara97@gmail.com.br)

**Vanusa Nascimento Sabino Neves**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6163-1699>  
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil,  
[pbvanusa@gmail.com](mailto:pbvanusa@gmail.com)

DOI: 10.21680/2596-0113.2021v4n0ID25628

**Citation:** Sabino, R. do N.; Machado, C. J. dos S. & Neves, V. N. S. (2021). Clemilde Pereira e o pioneirismo feminino na Academia Paraibana de Letras (1978-1984). *History of Education in Latin America - HistELA*, 4, e25628.

**Competing interests:** The authors have declared that no competing interests exist.

**Editor:** Olivia Morais de Medeiros Neta.

**Received:** 12/06/2021

**Approved:** 29/10/2021

**OPEN ACCESS**

#### Resumo

O artigo é decorrente da dissertação que investigou a educadora, acadêmica, arquivista e escritora paraibana Clemilde Torres Pereira da Silva. O escopo é historiar os primórdios da participação feminina na Academia Paraíba de Letras a partir da contribuição da educadora Clemilde Pereira. A metodologia se orientou pela história oral temática entrecruzada com a análise de fontes documentais. A Nova História Cultural e a análise de discurso conforme Orlandi (2001) respaldaram a discussão. Constatou-se que a investigada protagonizou sua história em favor da educação e do pioneirismo da mulher na Academia Paraibana de Letras. O estudo permitiu ampliar o conhecimento a respeito da inserção da mulher em espaços culturais e acadêmicos paraibanos predominantemente masculinos.

**Palavras-chave:** História da Educação. Clemilde Torres Pereira da Silva. Academia Paraibana de Letras. Feminismo.

#### Abstract

The article derives from the dissertation that investigated the educator, academic, archivist and writer from Paraíba, Clemilde Torres Pereira da Silva. The scope is historical of the beginnings of female participation in Paraíba Academy of Letters from the contribution of educator Clemilde Pereira. The methodology was guided by thematic oral history intertwined with the analysis of documentary sources. The New Cultural History and discourse analysis according to Orlandi (2001) supported the discussion. It was found that the investigated starred her story in favor of education and pioneering women in the Paraíba Academy of Letters. The study complements the knowledge about the insertion of women in predominantly male cultural and academic spaces in Paraíba.

**Keywords:** History of Education. Clemilde Torres Pereira da Silva. Paraíba Academy of Letters. Feminism.

## Introdução

Este artigo deriva-se da dissertação de mestrado “Reminiscência da professora Clemilde Torres Pereira da Silva: sua contribuição às instituições-memória da Paraíba (1942-2013)”, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e que tratou acerca da trajetória profissional e as contribuições da educadora, acadêmica, arquivista e escritora Clemilde Torres Pereira da Silva, doravante Clemilde Pereira, às instituições-memória da Paraíba (Sabino, 2016).

Preliminarmente, cumpre esclarecer que as instituições-memória, de natureza jurídica pública ou privada, são criadas com a intencionalidade de preservar a memória individual e coletiva, promover o acesso às informações históricas e científicas, favorecer a aprendizagem, entre tantos outros benefícios à ciência e à cultura (Fragoso, 2009).

Clemilde Pereira nasceu em 27 de abril de 1924, em Araruna, cidade do brejo paraibano, no seio de uma família abastada. Filha primogênita de Gustavo Olavo Torres, funcionário público estadual, e de Clarinda da Câmara Torres, do lar e costureira. A história de vida e os caminhos palmilhados por Clemilde Pereira sempre estiveram vinculados às relações tecidas no seio familiar e ao contexto social e cultural de sua época, sendo inicialmente aos pais e, a seguir, ao marido, Afonso Pereira da Silva, personalidade ilustre no cenário paraibano<sup>1</sup>.

Das narrativas da educadora, depreendeu-se que nasceu e foi educada numa atmosfera favorável à aprendizagem tanto informal ao presenciar o trabalho do pai, Gustavo Torres, um funcionário público responsável por recolher impostos, quanto formal ao frequentar a escola normal na cidade de Bananeiras na Paraíba e, ao formalizar matrimônio com Afonso Pereira, em 11 de fevereiro de 1950, estava inserida no escasso mercado de trabalho feminino, exercendo a função de chefe de pessoal de protocolo, do governo estadual por assim trazer à memória: “Eu era uma menina de vinte anos, tomava conta do governo, era formada em datilografia, fiz o curso de professora de cinco anos. Quer dizer, eu era muito capaz” (Silva, 1 de dezembro de 2015). Em que pese a discurso estabelecer conexões inesgotáveis tanto com a narrativa antecedente, como com a consecutiva, a atividade analítica dele não se prende a uma acepção verdadeira ou inquestionável, mas ao real sentido de acordo com sua materialidade linguística e histórica (Orlandi, 2001).

Ao se cotejar a oralidade, de Clemilde Pereira com os documentos consultados, trazidas neste estudo como fontes orais, compreende-se que em 1942 formou-se em Pedagogia pelo Colégio Sagrado Coração de Jesus. No período de 1943 a 2000, enquadrada como servidora pública nomeada pelo governo do Estado da Paraíba, na qualidade de chefe de pessoal do protocolo, desempenhou diversas atribuições, dentre as quais, classificação, registro, distribuição e expedição dos documentos do Executivo Estadual paraibano, o que sugere porque utilizou para si mesma a expressão “tomar conta do governo” (Silva, 1 de dezembro de 2015).

No século XX, não que faltassem tarefas para as mulheres; mas; na tradição de submissão, eram inicialmente impedidas de participar da vida pública, política e social (Saffiotti, 1976). No entanto, após o casamento, a vida profissional da educadora entrelaçou-se a do esposo. Pelas rotas laborais trilhadas pelo marido, Clemilde Pereira, de alguma forma, sempre contribuía com a educação, a cultura paraibana e o posicionamento da mulher em setores predominantemente masculinos, de modo que sua inserção na Academia Paraibana de Letras (APL) deu-se quando Afonso Pereira, por três biênios consecutivos, esteve na presidência da APL, de 1978 a 1984. Sendo a análise da atuação da Professora Clemilde nessa instituição um outro capítulo integrante do estudo maior fruto contido na dissertação de mestrado mencionada no parágrafo inicial desta seção.

Quanto à APL, cabe informar que foi fundada em 14 de setembro de 1941, por iniciativa do professor Coriolano de Medeiros<sup>2</sup>, como uma coirmã da Academia Brasileira de Letras (ABL). Destaca-se que, no Brasil, o surgimento das Academias deu-se por influência da tradição europeia de criação de espaços de dedicação à literatura, ao culto da língua e às belas-artes.

Diante do itinerário de Clemilde Pereira no âmbito da sociedade paraibana, no período de 1978 a 1984, na qualidade educadora, acadêmica, arquivista e escritora, para o presente estudo, questionou-se que contribuição Clemilde Pereira desenvolveu na APL a fim de possibilitar tanto a frequência feminina nesse espaço predominantemente masculino, como o acesso da primeira mulher a uma das cadeiras da Academia em 2 de maio de 1980? Para responder a essa problemática, extraiu-se este artigo com o objetivo de historiar os primórdios da participação feminina na APL a partir da contribuição da educadora Clemilde Pereira. Intelectual que faleceu aos 96 anos, em 30 de julho de 2020, em decorrência da COVID-19, e sem direito a velório devido às restrições peculiares à infecção pelo novo coronavírus, seu corpo saiu do hospital direto para o sepultamento (Cavalcanti, 2020).

A delimitação temporal justifica-se, pois 1978 foi o ano em que Clemilde Pereira ingressou na APL e 1984 o término da presidência de Afonso Pereira naquela Academia. Ressalta-se que uma biografia não consegue dar conta de toda uma vida nas suas múltiplas facetas, e nem é essa a presente intenção, ao contrário, esse estudo centra ênfase em uma fase muito especial da trajetória de Clemilde Pereira, quando colaborou para a participação feminina na APL.

A relevância deste estudo centra-se em proporcionar maior visibilidade ao protagonismo feminino, como o de Clemilde Pereira, no posicionamento de mulheres em espaço com prevalência masculina, mesmo diante das restrições impostas às mulheres de sua época. Dessa maneira, constituir a narrativa biográfica de Clemilde Pereira, como mencionado por Fialho, Santos e Sales (2019), é uma maneira de preservar a história e memória da participação feminina nos espaços de intelectualidade, bem como refletir acerca das dificuldades e escassas possibilidades ensejadas às mulheres para atuarem em tais recintos.

## Metodologia

Consoante Burke (2011), a Nova História Cultural tem por base filosófica a concepção de que a realidade social e culturalmente constituída se interessa pela variedade de atividades humanas, pelas pessoas comuns e suas experiências construídas no contexto social. Dessa maneira, com amparo na corrente teórica analítica da Nova História Cultural (Burke, 2011; Le Goff, 2013), que ampliou a concepção de fontes e sujeitos históricos, acredita-se que é possível lançar luz às nuances da história da educação a partir da narrativa única e singular de uma vida particular, inter-relacionando-a indissociavelmente com o contexto em que se insere.

Adota-se a perspectiva da biografia hermenêutica, que segundo Dosse (2009), distancia-se do modelo tradicional de biografar, com narrativas heroicas ou hagiografias, que destacavam características positivas de figuras de prestígio social, na tentativa de imortalizá-las por seus feitos e fatos contados desde a perspectiva do poder. Trata-se, pois, de uma biografia holística, que valoriza as subjetividades que permeiam a vida do biografado, bem como a interpretação do biógrafo, na qual se assume um compromisso de aproximação com o real de maneira ética, mas não objetiva uma história única, verdadeira ou inquestionável.

Destaca-se, inclusive, o empreendimento biográfico com educadoras, ainda que recente no Brasil, já originou inúmeros artigos científicos qualificados, que lançam visibilidade às mulheres, que contribuíram com o cenário educacional de seu tempo, mas foram invisibilizadas, como exemplo menciona-se: Célia Goiana (Fialho & Carvalho, 2017), Argentina Gomes (Mendes, Fialho & Machado, 2019); Zelma Madeira (Fialho & Díaz, 2020); Iolanda dos Santos Gomes (Mendes, Costa, Brandenburg & Fialho, 2020); Maria Luiza Fontenelle (Fialho & Freire, 2018); Henriqueta Galeno (Fialho & Sá, 2018); Neli Sobreira (Fialho & Queiroz, 2018); Aída Balaio (Fialho, Lima & Queiroz, 2019); Rosa Ribeiro (Fialho, Sousa & Diaz, 2020); Raquel Dias (Fialho, Santos & Freire, 2020); Maria Zuila Morais (Lopes, Sousa & Fialho, 2020); Josete Sales (Fialho, Sousa & Nascimento, 2020); Maria Helena da Silva (Fialho & Carvalho, 2021) e Elisabeth Silveira (Fialho & Sousa, 2021). Destarte, o estudo em tela se soma às pesquisas científicas publicadas em periódicos no último quadriênio, que versam sobre a vida mulheres que contribuíram com a educação, com uma particularidade não retratada nas pesquisas anteriores, com o foco na participação feminina na APL de 1978 a 1980.

Metodologicamente, guia-se pela história oral (Meihy & Holanda, 2010; Alberti, 2011; Thompson, 1992). Conforme Meihy & Holanda (2010, p. 9), a história oral “[...] se apresenta como solução moderna disposta a influir no comportamento da cultura e na compreensão de comportamentos e sensibilidades humanas”, com potencial para ampliar o conhecimento do passado por narrativas do no presente. O que se coadunou com o sentido não linear atribuído ao *corpus* de análise formado pelos recortes das entrevistas, fotografias e documentos obtidos submetido a atividade investigativa sempre imbricada com a prática história, social e ideológica (Orlandi, 2001) verificada no contexto do qual os dados emergiram.

A pesquisa cumpriu todos os requisitos éticos e foi chancelada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da UFPB com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) 41020915.0.0000.5188. Os dados foram obtidos por cinco entrevistas temáticas realizadas nos anos de 2014 e 2015 com a professora Clemilde Pereira, quando ela disponibilizou fotografias e outros documentos pessoais. Por conseguinte, as narrativas orais obtidas por entrevistas temáticas gravadas e transcritas na íntegra perfizeram as fontes primárias, sem elidir a essencialidade do acervo documental e as condições de produção do discurso para a escrita historiográfica, analisado com amparo nas ideias de Orlandi (2001).

## **Resultados e Discussão**

Ao se incorporar com o esposo na APL, Clemilde Pereira constatou que as condições ambientais e estruturais daquela casa do saber estavam precárias e, de pronto, iniciaram a manutenção: “Ela estava inteiramente descuidada [...], as portas estavam fechadas, porque não pode mais tomar conta. [...] nós começamos a trabalhar” (Silva, 24 de dezembro de 2014), em referência à recuperação da APL pelo casal.

Aproveitando-se da experiência com arquivos, rememorou que focalizou rapidamente em organizar os livros nas estantes, solicitar a produção literária dos acadêmicos e arquivá-las em pastas. Além disso, detalhou em minúcias a aquisição de uma sede própria para a APL, bem como do mobiliário da ambientação do novo espaço: “Eu ia a Recife, escolhia tudo e compramos moveis para a Academia funcionar principalmente o auditório” (Silva, 24 de dezembro de 2014). A propósito do apego laboral de Clemilde Pereira com os arquivos, lembram Vidal & Silva (2020) que a arte dos arquivistas lhes oportuniza explorar a experiência humana em diferentes temporalidades.

Mas o destaque feminista da participação de Clemilde Pereira na APL foi constatado ao recordar sobre as reuniões, quando participava sugerindo a temática das discussões. No mais, referiu a Academia como um espaço de status social relacionado ao saber e à cultura, no qual intelectuais dialogavam, diversas vezes por ela incentivados. Nesse movimento de encontros de homens cultos, no intuito de tornar as reuniões mais atrativas, foi criado o chá acadêmico com periodicidade mensal:

Agora, as reuniões [...] e então Afonso começou a escrever aos acadêmicos para que eles se interessassem a entrar na Academia, e deu posse a dezessete acadêmicos que não tinha quase ninguém. Era cada festa. A Academia começou a ter nome, sentido, ser da Academia de Letras valia alguma coisa. Isso é que é importante. Foi, apareceu, Afonso criou o chá e reunia pessoas que iam passando, visitantes, reuniam, eles conversavam, achavam o chá acadêmico uma maravilha. Eram homens de letras de cultura, podiam conversar. E foi um sucesso muito grande. Se fazia uma vez por mês, um chá acadêmico e cada chá eu fazia com que um deles falasse um pouco sobre um assunto e aquele assunto fosse discutido (Silva, 24 de julho de 2014).

A participação de Clemilde Pereira inicialmente foi organizando o espaço físico da instituição, em seguida, estabelecendo pautas a serem discutidas na sua presença e, até mesmo, servindo o chá para os homens intelectuais que frequentavam o lugar. Mas não somente, pois conseguiu convencer os cavalheiros de que suas esposas eram bem-vindas à APL, dando a abertura inicial para a participação feminina. Corroborando essa afirmativa, Clemilde Pereira indicou a fotografia a seguir, em que se observa a professora, nas dependências da APL, servindo o chá acadêmico.

**FIGURA 01.** Clemilde Pereira servindo o chá acadêmico (1982)



Fonte: Acervo do Arquivo Afonso Pereira.

Na mesma perspectiva, na fotografia adiante, percebe-se uma mesa repleta de mulheres e outra de homens, configurando-se uma divisão entre masculino e feminino, como preconizavam as tradições e preconceitos em relação ao feminino no universo intelectual brasileiro; mas, ainda assim, representava avanços nessa dicotomia, porque a APL também estava frequentada por mulheres na condição de esposas dos acadêmicos.

**FIGURA 02.** Homens e mulheres participando do chá acadêmico (1982)



Fonte: Acervo do Arquivo Afonso Pereira.

Decerto, as classes sociais são influenciadas pelo sexo, onde o feminino é posicionado em lugar inferior, de submissão ao masculino (Safiotti, 1976), mas a despeito da condição da mulher na sociedade ser marcada historicamente pela subalternidade, depreende-se dos dados que Clemilde Pereira, ao usufruir de um relacionamento harmonioso com o esposo e de aberturas dentro o cenário acadêmico e cultural da Paraíba, fez-se presente nos ciclos da APL e contribuiu para a introdução da primeira mulher acadêmica naquele lugar tradicionalmente masculino, por assim verbalizar:

[...] Afonso sempre teve a minha companhia em todos os trabalhos dele. Ele era um homem que gostava que sua mulher falasse com os amigos. Ele disse: eu quero que você tome parte, quero que se os homens [...] vejam que as mulheres podem circular nas academias, e tem uma coisa você fala muito correto, tem uma dicção muito boa. Então, vale a pena fazer parte disso. E então procurou, começou a procurar qual seria a primeira mulher que ele botasse na academia. Achou em Campina, a menina [...] Como é [...] da Academia Paraibana de Letras. Ele chamou e disse olhe você pode entrar na academia (Silva, 24 de julho de 2014).

A confluência do papel exercido pela professora Clemilde Pereirano âmbito da História da Educação e na APL justifica-se pelo entendimento de Vidal & Silva (2020), a saber: a cultura tem ganhado espaço na História da Educação, reverberando na renovação de paradigmas da historiografia brasileira e no posicionamento da cultura como objeto histórico imprescindível à compreensão social atual.

Isso porque a história é dinâmica e formada por fatos, imagens e experiências ressignificadas de acordo com percepções não estanques, contá-la exige revisitação, novas semelhanças e amadurecimento de compreensão (Fialho, Braga Jr., Monte & Brandenburg, 2020), ao passo que a memória “é uma reconstrução seletiva do passado” que não é prioridade exclusiva do sujeito, mas dele inserido num contexto familiar, social e emocional (Rousso, 2006, p. 94). Portanto, no rememorar das lembranças de sua persistência em favor da inserção da mulher na APL, Clemilde Pereira sobressaiu-se da seguinte maneira:

Não, nunca de jeito nenhum. Essa de Campina Grande era uma pessoa que já tinha tido muitos prêmios, ela se candidatou mais forçada por mim e por Afonso. E tinha mais cinco homens se candidatando para a mesma vaga. Ela chegou, Clemilde [...] olhe! Não senhora! Você vai fazer parte, vai do mesmo pé dos outros homens, vai mostrar que têm vários prêmios já do Rio de Janeiro e tudo. Deixe eu chamar, como é o nome dela. Tem ali na parede, no momento eu não estou lembrada. Ela não teve nem coragem de assistir à eleição [risos] aí saiu. Mas ganhou. Foi a primeira mulher a entrar na Academia de Letras. Então foi uma festa enorme, uma beleza e a Academia cada vez mais crescendo, pois pegou mais dezessete acadêmicos (Silva, 24 de julho de 2014).

O fragmento registrado acima conduziu a um importante fato histórico a respeito da primeira mulher a ocupar uma cadeira na APL, num certame entre Elizabeth Figueiredo Agra Marinheiro e cinco acadêmicos. Por incentivo de Clemilde Pereira e Afonso Pereira, Elizabeth Marinheiro concorreu e venceu. Assim, a ata de posse foi lavrada por Clemilde Pereira em conformidade com a fotografia a seguir:

**FIGURA 03.** Assinatura da ata de posse por Elizabeth F. Agra Marinheiro (1980)



Fonte: Acervo do Arquivo Afonso Pereira.

Percebe-se, nessa fotografia em 2 de maio de 1980, Clemilde Pereira com semblante de satisfação, em pé, ao lado de Elizabeth Marinheiro. Em relação a esse momento, expressou:

Olhe eu me senti que estava sendo feita uma justiça, que as mulheres mereciam frequentar o mesmo local dos homens, que elas tinham uma capacidade de conhecimento, de percepção, às vezes, maior do que os homens. E quando os maridos, que eram os mais interessados, começaram a trazer as mulheres para as reuniões. Então foi muito bom, muito bom mesmo. [...] (Silva, 24 de julho de 2014).

Clemilde Perera, ao assumir com o marido o compromisso de favorecer o posicionamento mais igualitário da mulher nos espaços “masculinos”, denota ultrapassar as fronteiras dos interesses individuais, penetrando nas aspirações coletivas feministas. Como dito por Fialho, Santos & Freire (2020, pp. 9-10), “o compromisso político ultrapassa o sentido teórico de conscientização e se

materializada em construções coletivas e concretas na busca de emancipação humana”.

Com vistas à paridade de gênero, Clemilde Pereira defendeu a participação das mulheres nos espaços masculinos e exaltou a capacidade intelectual destas em relação aos homens a partir do paradigma de Elizabeth Marinheiro que se notabilizou como a primeira mulher eleita, em 2 de maio de 1980, para a APL. Realmente, a primeira acadêmica da APL possui doutorado e pós-doutorado em Letras pela Universidade de Madrid, é escritora de diversos livros, premiada pela Academia Brasileira de Letras (ABL), professora aposentada da UFPB e atuou como professora visitante de universidades do exterior (Academia Paraibana de Letras, 2021c). Mas as academias por muito estiveram impenetráveis ao academicismo feminino em razão dos reflexos do patriarcado. A propósito, de acordo com Fanini (2010), a ABL, tendo sido fundada em 1897, manteve-se inacessível à presença feminina até 1976, inclusive, no artigo 17 do Regimento Interno, vedava-se a eleição de pessoas que não fossem do sexo masculino. Somente em 1977 esse paradigma regimental foi ultrapassado quando Rachel de Queiroz sagrou-se como a primeira mulher a ocupar uma cadeira da ABL.

## **Considerações finais**

O estudo objetivou historiar os primórdios da participação feminina na APL a partir das contribuições da educadora Clemilde Pereira. Para desvelar o escopo, realizou-se uma pesquisa biográfica, que utilizou a história oral temática como metodologia. No propósito de ultrapassar as margens do estudo inicial, fez-se também uma investigação documental complementar com fontes imagéticas.

No inacabamento desta pesquisa historiográfica educacional, pela oralidade de Clemilde Pereira e pelo acervo documental consultado, tornou-se inquestionável o protagonismo dessa educadora na inserção das mulheres nas douradas rodas da APL, com destaque para a nomeação da primeira acadêmica para uma das cadeiras da APL. Clemilde Pereira, nos bastidores do trabalho masculino na APL, não apenas organizava a parte física da instituição, mas secretariava às reuniões. Nessas ocasiões, incentivou primeiramente a participação feminina das esposas dos intelectuais, em seguida, apoiou a primeira candidata mulher a ocupar uma cadeira na APL.

Não obstante, a assimetria na distribuição de poder entre masculino e feminino, ainda persistente atualmente, manifesta-se que as atitudes de Clemilde Pereira favoreceram a participação da mulher nos espaços paraibanos usufruídos exclusivamente pelos homens, pois seus itinerários profissionais não se limitou unicamente à APL, a educadora também atuou na Fundação Padre Ibiapina, no Arquivo da Santa Casa de Misericórdia, no Arquivo Afonso Pereira e em outras instituições educativas na Paraíba. Todavia, não se pode deixar de explicitar que ela somente consegue viabilizar esse feito porque possuía apoio do seu esposo, que, mesmo sendo conservador, foi convencido pela biografada da capacidade feminina de atuar como intelectual no referido recinto.

Por se tratar de uma parte de um estudo maior biográfico, o estudo possui a limitação de não permitir generalizações; no entanto tratou-se de uma história de vida única e intransferível que permitiu tensionar o lugar instituído socialmente para as mulheres na sociedade de 1940 a 2020, período corresponde a atuação da biografada.

## Referências

- Academia Paraibana de Letras (2021a). *Nº 29 (1º sucessor) Afonso Pereira da Silva*. Recuperado de <http://novo.aplpb.com.br/academia/academicos/cadeiras-21-a-30/218-n-29-sucesso-afonso>.
- Academia Paraibana de Letras (2021b). *Nº 7 (fundador) Coriolano de Medeiros*. Recuperado de <http://novo.aplpb.com.br/academia/academicos/cadeiras-01-a-10/149-coriolano-de-medeiros>.
- Academia Paraibana de Letras (2021c). *Nº 20 (1º sucessor) Elizabeth Marinheiro*. Recuperado de <http://novo.aplpb.com.br/academia/academicos/cadeiras-11-a-20/189-n-20-1-sucessor-elizabeth-marinheiro>.
- Alberti, V. (2011). Histórias dentro da História. In Pinsky, C. B. (org.). *Fontes Históricas* (pp. 155-202). São Paulo: Contexto.
- Burke, P. (Org.). (2011). *A escrita da história: novas perspectivas* (2a ed.). São Paulo: UNESP.
- Cavalcanti, J. (2020, 1 de agosto). Clemilde Pereira é sepultada em João Pessoa. *A União*. Recuperado de <https://auniaio.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/jornal-a-uniao/2020/agosto/jornal-em-pdf-01-08-20.pdf>.
- Dosse, F. (2009). *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: USP.
- Silva, C. T. P. da (2015, 1 de dezembro). [Entrevista concedida à Raquel do Nascimento Sabino]. Sabino, R. do N. (2016). *Reminiscência da professora Clemilde Torres Pereira da Silva: sua contribuição às instituições-memória da Paraíba (1942-2013)*. (Dissertação de Mestrado). Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Silva, C. T. P. da (2014, 24 de julho). [Entrevista concedida à Raquel do Nascimento Sabino]. Sabino, R. do N. (2016). *Reminiscência da professora Clemilde Torres Pereira da Silva: sua contribuição às instituições-memória da Paraíba (1942-2013)*. (Dissertação de Mestrado). Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Silva, C. T. P. da (2014, 24 de dezembro). [Entrevista concedida à Raquel do Nascimento Sabino]. Sabino, R. do N. (2016). *Reminiscência da professora*

*Clemilde Torres Pereira da Silva: sua contribuição às instituições-memória da Paraíba (1942-2013)*. (Dissertação de Mestrado). Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

- Fanini, M. A. (2010). As mulheres e a Academia Brasileira de Letras. *História (São Paulo)*, 29(1), 345-367. doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-90742010000100020>.
- Fialho, L. M. F., Carvalho, S. O. C. & Nascimento, L. B. S. (2021). Memórias de Maria Helena da Silva: licenciatura em Pedagogia em tempos de ditadura (1966-1970). *Cadernos de Pesquisa*, 28(1), 335-314. doi: <http://dx.doi.org/10.18764/2178-2229.v28n1p320-341>.
- Fialho, L. M. F. & Sousa, F. G. A. de (2021). Irmã Elisabeth Silveira e a educação feminina no Colégio da Imaculada Conceição, Fortaleza-CE. *Revista Diálogo Educacional*, 21 (68), 91-316. doi: <http://dx.doi.org/10.7213/1981-416X.21.068.A001>.
- Fialho, L. M. F., Santos, H. F. & Freire, V. C. C. (2020). Biografia da Professora Raquel Dias Araújo: um olhar sobre a docência universitária e a militância política. *History of Education in Latin America - HistELA*, 3, e20562. doi: <https://doi.org/10.21680/2596-0113.2020v3n0ID20562>.
- Fialho, L. M. F., Braga Júnior, V. R. de S., Monte, R. S., & Brandenburg, C. (2020). O uso da história oral na narrativa da história da educação no Ceará. *Práticas Educativas, Memórias E Oralidades - Rev. Pemo*, 2(1), 1–13. doi: <https://doi.org/10.47149/pemo.v2i1.3505>.
- Fialho, L. M. F., Sousa, F. G. A. de & Nascimento, L. B. S. (2020). Biografia da educadora Josete Sales: reflexos da formação de professoras no Ceará. *Roteiro*, 45, 1–22. doi: <https://doi.org/10.18593/r.v45i0.23790>.
- Fialho, L. M. F. & Díaz, J. M. H. (2020). Maria Zelma de Araújo Madeira: memórias de formação e resistências da docente universitária negra. *Revista Diálogo Educacional*, 20 (65), 775-796. doi: <http://dx.doi.org/10.7213/1981-416X.20.065.DS12>.
- Fialho, L. M. F., Sousa, N. M. C. & Díaz, J. M. H. (2020). Rosa Maria Barros Ribeiro: memórias da trajetória formativa para docência. *Revista Cocar*, 8, 371-387. Recuperado de: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/3083>.
- Fialho, L. M. F., Santos, F. M. B. dos & Sales, J. A. M. de (2019). Pesquisas Biográficas na História da Educação. *Cadernos de Pesquisa*, 26 (3), 1-29. doi: <http://dx.doi.org/10.18764/2178-2229.v26n3p11-29>.
- Fialho, L. M. F., Lima, A. M. S. & Queiroz, Z. F. (2019). Biografia de Aída Balaio: prestígio social de uma educadora negra. *Educação Unisinos*, 23 (1), 48-67. doi: <https://doi.org/10.4013/edu.2019.231.16778>.

- Fialho, L. M. F. & Sa, E. C. V. de (2018). Educadora Henriqueta Galeno: a biografia de uma literata e feminista (1887- 1964). *História da Educação*, 22 (55), 169-188. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/75182>.
- Fialho, L. M. F. & Queiroz, Z. F. (2018). Maria Neli Sobreira: história e memória da educação em Juazeiro do Norte. *Educar em Revista*, 34 (70), 67-84. doi: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.58763>.
- Fialho, L. M. F. & Freire, V. C. C. (2018). Educação formativa de uma líder política cearense: Maria Luiza Fontenele (1950-1965). *Cadernos de História da Educação*, v. 17 (2), 343-364. Recuperado de: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/43290>.
- Fialho, L. M. F & Carvalho, S. O. C. (2017). História e memória do percurso educativo de Célia Goiana. *Série-Estudos*, Campo Grande, MS, 22 (45), 137-157. doi: <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v22i45.992>.
- Fragoso, I. S. (2008). *Instituições-Memória: modelos institucionais de proteção ao patrimônio cultural e preservação da memória na cidade de João Pessoa, PB*. Dissertação (Dissertação de mestrado). Centro de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Le Goff, J. (2013). *História e Memória* (7a ed). Campinas: Editora da UNICAMP.
- Lopes, T. M. R., Sousa, F. G. A. & Fialho, L. M. F. (2020). Maria Zuíla e Silva Moraes: Pioneirismo e protagonismo na fundação da Apae de Juazeiro. *Revista Entre ideias: Educação, Cultura e Sociedade*, 9 (3), 89-108. Recuperado de: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/35197>.
- Meihy, J. C. S. B., & Holanda, F. (2010). *História oral: como fazer, como pensar* (2a ed.). São Paulo: Contexto.
- Mendes, M. C. F., Costa, M. A. A., Brandenburg, C. & Fialho, L. M. F. (2020). Iolanda dos Santos Mendonça: a participação das mulheres em movimentos indígenas (1970-2000). *Cambios y Permanencias*, 11 (1), 828-853. Recuperado de: <https://revistas.uis.edu.co/index.php/revistacyp/article/view/11094>.
- Mendes, M. C. F., Fialho, L. M. F. & Machado, C. J. S. (2019). Argentina Pereira Gomes: disseminação de -inovações- didáticas na educação primária na década de 1930. *Revista Diálogo Educacional*, 19(61), 527-550, 2019. Recuperado de: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/viewFile/24959/2351>.
- Orlandi, E. P. (2001). *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.

Rouso, H. (2006). A memória não é mais o que era. In Ferreira, M. de M. & Amado, J. (Org.). *Uso e abusos da história oral* (8a ed., pp. 93-101). Rio de Janeiro: Editora FGV.

Saffioti, H. I. B. (1976). *A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes.

Sabino, R. do N. (2016). *Reminiscência da professora Clemilde Torres Pereira da Silva: sua contribuição às instituições-memória da Paraíba (1942-2013)*. (Dissertação de Mestrado). Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Souza, S. T. de. (2019). Historiografia Educacional no Brasil. *History of Education in Latin America - HistELA*, 2, e17794. doi: <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/17794>.

Thompson, P. (1992). *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Vidal, D., & Silva, J. C. S. (2020). Interpretes do passado e do presente: a arte de historiadores da educação e arquivistas. *History of Education in Latin America - HistELA*, 3, e20951. doi: <https://doi.org/10.21680/2596-0113.2020v3n01D20951>.

## Notas:

---

<sup>1</sup>Afonso Pereira da Silva foi professor de Direito, Alemão, Francês, Latim, Grego, Português, Geografia e Ciências Naturais. Além disso, exerceu os cargos de deputado estadual, juiz substituto do Tribunal Regional Eleitoral, diretor de faculdades de Direito, colaborador da imprensa paraibana, fundador e presidente da associação de cultura musical, fundador do teatro de estudantes da Paraíba e da Orquestra Sinfônica da Paraíba, acadêmico da Academia de Letras Jurídicas e da Academia Internacional de Letras e da Academia Paraibana de Letras (Academia Paraibana de Letras, 2021a).

<sup>2</sup> A Paraíba era o único estado que ainda não possuía uma academia de letras, por conseguinte, em 14 de setembro de 1941, Coriolano liderou um grupo de intelectuais reunidos na Biblioteca Pública localizada na Rua General Osório, em João Pessoa, capital da Paraíba, e fundou a APL, sendo eleito presidente ((Academia Paraibana de Letras, 2021b).